



WHITTAKER

A noite estava fria. Fria e muito escura, sem estrelas e sem lua, e com um vento que arrancava um dilúvio de folhas das árvores sempre que soprava. As folhas, ainda molhadas após o chuveiro matinal, estavam sujas e viscosas e, por isso, causavam uma sensação desagradável ao encostarem na pele. Então, quando uma nova lufada de vento fustigou as colinas, todos nos abaixamos e nos protegemos. Senti que estava começando a tremer.

— Ai! Tem uma no meu pescoço! — gritou Taylor Bell, encolhendo os ombros até as orelhas e se abaixando. Ela segurou a garrafa de vodka que vinha bebendo aos poucos durante a noite toda com uma das mãos e bateu nas costas com a outra, sem conseguir nada. A enorme folha amarela havia grudado quase por inteiro no pescoço dela, colando na pele os cachos louros que tinham escapado do rabo de cavalo.

— Alguém tire isso daí!

Normalmente, Taylor não bebia mais do que os outros, mas naquela noite estava bebendo como se álcool fosse o



néctar dos deuses, talvez porque ela, como muitos outros, sentisse necessidade de apagar da memória o fim de semana de visita dos pais, que tinha se encerrado apenas algumas horas antes com uma cerimônia na capela da Academia Easton. Só que os pais dela pareciam legais, e Taylor tinha dado a impressão de estar pelo menos se sentindo confortável na presença deles. Fiquei imaginando se estaria preocupada com alguma outra coisa.

— Anda, tira logo! — reclamou de novo. — Anda, gente!

— Não conte comigo — disse Kiran Hayes, tomando um gole bem-comportado da sua garrafinha prateada. Depois puxou o casaco comprido de cashmere, envolvendo os joelhos e prendendo-o com as mãos. — Acabei de fazer uma hidratação de parafina.

Kiran, a primeira modelo em carne e osso que eu havia conhecido e uma das garotas mais deslumbrantes que já havia visto na vida real, sempre tinha acabado de fazer alguma coisa. Reflexos, mechas invertidas, dermabrasão, aplicação de emplastros de algas na coxa, depilação de sobrancelhas com linha. A maioria dessas técnicas parecia tortura, mas os resultados certamente valiam a pena.

Noelle Lange revirou os olhos e arrancou a folha grande e molhada da pele de Taylor.

— Vocês são mesmo umas prima-donas — disse, com desprezo. Jogou a folha no chão, que aterrissou diante da rocha longa e achatada sobre a qual estava sentada Ariana Osgood. Ariana olhou a folha por um momento, examinando-a atentamente como se ali estivesse o significado da vida. Uma brisa mais leve ergueu seus cabelos compridos e quase louro-plati-



nados dos ombros e ela olhou para cima, fitando-os, depois fechou os olhos, extasiada.

Tirei minha terceira cerveja do *cooler* do outro lado da clareira e fiquei assistindo ao quadro vivo que se desenrolava ali como se fosse uma antropóloga estudando um subconjunto da raça humana ainda não classificado. Eu fiquei fascinada pelas Meninas do Billings desde o momento em que pus os olhos nelas pela primeira vez, um mês antes, através da janela do meu alojamento do segundo ano, na Academia Easton. Fascinada à distância, quero dizer, aparentemente sem esperança de conseguir chegar nem perto delas. Mas isso não demorou a acontecer. As Meninas do Billings agora eram minhas amigas. Colegas de alojamento. As pessoas com quem eu costumava ir a festas ilegais no bosque que ficava, nos arredores do campus.

Se é que se pode dizer que “duas vezes” é o mesmo que “costumava ir”.

Eu agora era uma delas. Tinha ascendido ao ponto mais alto da hierarquia da Easton, muito embora, se alguém me pedisse para sentar e contar como tinha conseguido, não seria capaz sequer de encontrar as palavras para narrar essa proeza. Não fazia muito tempo, elas haviam ficado irritadas comigo por ter continuado a falar com meu namorado, Thomas Pearson, que nenhuma delas aprovava. Achei que havia perdido para sempre a amizade delas ao manter contato com ele às escondidas, oferecendo-me para continuar ao seu lado e ajudá-lo a resolver seus problemas. Em vez disso, pelo visto, elas ficaram bem impressionadas.

Não sei como. Mas graças a Deus, porque, com a ajuda delas, talvez eu tivesse uma chance de deixar meu passado



para trás. De não ser mais uma entre tantos de Croton, Pensilvânia, que voltaram para sua cidade natal depois de dois anos de faculdade para assumir cargos de gerência na Costco. Com as Meninas do Billings me apoiando, eu realmente teria uma chance na vida. Um futuro. Uma oportunidade de fazer parte de um mundo com o qual até ali havia apenas sonhado: o mundo do sucesso. Do privilégio. Da liberdade.

— Tudo bem, Reed? — indagou Noelle, erguendo os cabelos compridos e pretos acima do ombro. — Se não quiser outra cerveja, tenho certeza de que Kiran adoraria preparar um Especial Hayes para você.

Seus olhos dançaram, travessos, e percebi que ela havia notado meu estado de contemplação. Em função de tudo que devia a elas, eu não queria dar a impressão de não estar grata por ter sido convidada para aquela festa. Afinal, eu estava tomando cerveja em vez de prestando favores a elas, como fazia quase o tempo todo desde a primeira semana de aula. Então acenei, recusando a oferta gentilmente.

— Tudo bem. Cerveja está bom — respondi, erguendo a garrafa.

Usei o abridor enferrujado para remover a tampa e tomei um gole demorado, sabendo que Noelle ainda me observava. Eu tinha tomado cerveja pela primeira vez um pouco mais cedo, naquela mesma noite. Agora estava na terceira garrafa, que já descia mais facilmente. Parecia que o segredo era tomar goles longos, e não deixar o líquido na boca durante tempo suficiente para tocar a língua. É. Refrescante. Inspirei profundamente e soltei o ar em uma nova e gelada brisa, puxando mais o meu suéter para que cobrisse melhor minha





pele arrepiada. Eu estava para voltar à companhia das meninas, quando uma súbita mudança de assunto perto da fogueira me deteve.

— Vou lhe dizer uma coisa — anunciou Dash McCafferty. — Esse sumiço dele vai entrar para a história como um dos maiores truques de desaparecimento de todos os tempos.

— Talvez ele esteja na casa da avó em Boston — sugeriu Josh Hollis.

Dash deu de ombros.

— Pois sim, tenho certeza de que já foram lá revistar a casa da bruxa velha.

Thomas. Estavam falando de Thomas. Eu não podia acreditar que, na última vez em que eu tinha estado naquele lugar, ele também estava presente. Haviam se passado aproximadamente 48 horas desde que alguém vira Thomas Pearson pela última vez. Ele tinha desaparecido da Easton sem deixar nem um bilhete. E, segundo seu colega de quarto do alojamento, Josh Hollis, que agora estava de pé perto da fogueira com os outros rapazes, olhando firme para as chamas, o Thomas tinha sumido sem levar um lenço sequer, nem mesmo a camiseta preta preferida. Na manhã de sexta, Thomas tinha confessado que me amava, me fizera prometer que eu o apoiaria acontecesse o que acontecesse, e depois simplesmente evaporara.

Eu me perguntava o que Josh sabia... sobre mim, sobre o que eu e Thomas tínhamos feito juntos. Será que Thomas *contara* a Josh o que tínhamos feito no quarto do alojamento? Não tinha certeza. Não o conhecia bem o suficiente para ter certeza. Mas agora, toda vez que via Josh, perguntava-me se ele sabia o que eu havia feito, e isso me fazia sofrer.



Não queria que metade da escola ficasse sabendo que eu tinha perdido a virgindade com um cara que talvez fosse bem-intencionado mas também era problemático demais para ter um relacionamento saudável. Perdido a virgindade com um cara que eu sabia (mesmo antes de ele sumir) que provavelmente não devia namorar, mas pelo qual, mesmo assim, sentia uma atração irresistível. Perdido minha virgindade com Thomas Pearson, o cara mais popular da Easton e também, como eu havia recentemente descoberto, o principal fornecedor de drogas do campus. Ainda não conseguia acreditar nisso.

Josh tomou um gole de sua cerveja até então intocada. Tinha um rostinho tão infantil que parecia deslocado ali, segurando aquela garrafa de vidro verde. Seus cachos louros dançavam na brisa, e ele estava usando um cachecol comprido e listrado sobre uma camiseta cor de ferrugem meio amassada e uma jaqueta marrom de veludo. Ele tinha um quê de artista: criativo e zeloso. Eu gostava disso nele. Também gostava do fato de que ele tinha uma voz bem alta, alta o suficiente para que eu pudesse ouvir a conversa sem que ninguém percebesse.

— E a casa deles em Vail? — perguntou.

— Cara, o Pearson não está escondido em nenhum lugar óbvio. Vai por mim. — Dash disse em meio a um ronco de catarro. Para um cara extraordinariamente bonito, todo escultural, louro, tipo modelo da Abercrombie, ele tinha um probleminha no quesito higiene. Cuspiu na fogueira e tomou um gole de cerveja.

— Que coisa mais fina, Dash — disse Noelle, do outro lado da clareira.



— Valeu, gatinha — respondeu ele, e depois voltou ao tema da conversa. — Simplesmente não dá pra acreditar que eles ligaram para a polícia. Que perda de tempo! Se o Pearson está escondido em algum lugar, é em Nova York.

— Acha mesmo? — A esperança na voz de Josh reacendeu a minha.

— Está brincando? — disse Gage Coolidge. Gage era um cara magricelo, alto, arrumadinho, com cabelos pretos espetados, parecendo um integrante de alguma *boy band* britânica só de gatos. — Thomas Pearson está dando o maior golpe de todos os tempos agora, neste momento. Toda a costa leste dos Estados Unidos está procurando por ele, e ele está em algum lugar, se divertindo à beça.

— É, talvez — falou Josh, mordendo o lado de dentro da bochecha e observando o fogo.

— Talvez coisa nenhuma — disse Dash. — Vai por mim. O Halloween vem aí, falta menos de um mês. E sabe o que isso significa.

— A Legado — disse Josh.

— Exatamente — confirmou Dash, afastando um dedo da garrafa de cerveja e apontando-o para Josh. — E Pearson não vai perder essa. Se ele não estiver lá eu dou meu Lotus para alguém.

— Isso é coisa séria, cara — disse Gage.

— Não brinca.

— É verdade — disse Josh, concordando. — Pearson é a Legado.

— Rapaz, se ele aparecer por lá, a gente podia agarrar o cara, arrastá-lo até aqui, e receber uma medalha como recompensa — disse Gage.



— Ah, com certeza — respondeu Dash, batendo na palma da mão de Gage com a sua, acima da cabeça de Josh.

Legado? Que diabo era Legado? Eu me afastei da árvore em que estava encostada, imaginando que Noelle e as outras podiam me dar uma pista, mas antes que eu conseguisse dar um passo, Natasha Crenshaw me interceptou.

— Reed! Aonde vai? — indagou ela, passando o braço em torno do meu pescoço.

Gelei, imaginando por que ela estaria perguntando. Natasha Crenshaw era minha nova colega de quarto no Alojamento Billings. E eu só havia me tornado sua colega porque a melhor amiga dela, Leanne Shore, tinha sido expulsa por colar num teste — o maior escândalo da Easton durante o ano inteiro. Natasha fervia de tanto rancor desde que eu tinha começado a tirar as coisas das malas e caixas para guardá-las no nosso quarto, no dia anterior. Ela exalava ressentimento.

Por isso fiquei tão confusa.

— Você está bem? — perguntei a ela.

— Estou! — respondeu, aquele branco perolado dos dentes dela quase me cegando. Natasha tinha pele negra, cabelos pretos e um atrevimento à la Tyra Banks. Senti todas as curvas macias de seu corpo quando ela se encostou em mim e enrubesci. Como eu era meio reta não tinha ideia de como ela fazia para se movimentar com todos aqueles atributos. — Escuta, eu só queria te pedir desculpas se não tenho sido muito simpática nos últimos dias — disse ela, me afastando dos meninos. — Ainda estou meio chateada com o que aconteceu com a Leanne, e acho que andei descontando em você. E não foi nada gentil da minha parte. Você me perdoa?



Uma outra característica de Natasha era sempre vir com essas declarações francas e perfeitamente lógicas. Ao contrário de qualquer outra garota que eu tinha conhecido, ela parecia não ter nada a esconder. O que era bem estranho.

— Há... Claro — respondi, meio insegura.

— Ótimo! Porque realmente quero ser sua amiga — disse Natasha, agarrando minha mão. — Uma grande amiga.

Sua expressão era tão sincera que me fez sorrir, em parte por achar graça, e em parte de alegria mesmo.

— Tudo bem, também gostaria muito — respondi.

— Que bom! — gritou Natasha. E tirou uma câmera digital minúscula do bolso da jaqueta de couro preto, erguendo-a em uma das mãos, enquanto me abraçava com a outra. — Sorria!

Eu sorri, e o *flash* disparou. Pisquei, vendo um monte de manchinhas roxas flutuando no ar.

— Um clássico instantâneo — declarou Natasha, verificando a telinha.

— Legal — falei, olhando de relance para Josh e os outros, perguntando-me se ainda estariam falando de Thomas e se me contariam se estivessem. — Eu já volto.

Já estava na metade do caminho até a fogueira, quando de repente todos os rapazes olharam para cima ao mesmo tempo e gritaram:

— Whittaker!

Eu quase tropecei.

— O quê?

— Cavalheiros! Senhoras! Ah, meu coração se aquece quando vejo todos reunidos aqui, exatamente como nos velhos tempos!



Hã?

Atrás de mim estava o maior espécime do sexo masculino que eu já havia visto fora de um campo de futebol americano. Ele devia ter pelo menos 1,95m e pesar bem mais de 110 quilos, mas sustentava todo esse peso com dignidade, ombros para trás, passo confiante. Tinha faces rosadas, óculos redondos, e um corte de cabelo de um homem muito mais velho, daquele com topete de dois ou três centímetros de altura na frente e alisado com gel atrás. Atravessou a clareira a passos largos, cumprimentando as Meninas do Billings com um aceno de cabeça, como um aristocrata, antes de bater nas mãos de Dash, Gage, Josh e dos outros.

— Como estamos nós nesta bela noite? — indagou ele, naquela sua voz retumbante. Pôs as mãos acima do fogo, esfregou-as uma na outra, e depois estendeu-as outra vez.

Quem era aquele cara? E por que falava como se tivesse acabado de sair de um romance de Jane Austen?

— Que achou do Oriente? A comida chinesa é mesmo melhor na China? — brincou Gage, tomando goles de cerveja.

Perdi a resposta de Whittaker devido a outra lufada de vento, mas todos os outros rapazes riram do que ele disse, reunindo-se em torno dele e fitando-o, animados. Era como se Papai Noel tivesse acabado de entrar em uma sala do jardim da infância. Quando dei por mim, já me encaminhava vagarosamente na direção de Noelle e das outras.

— Reed, estava começando a pensar que tinha se esquecido de nós — disse Noelle, sem rodeios, tomando um goliinho de cerveja. Ela era a única das Meninas do Billings que tomava cerveja, e a minha motivação para ter escolhido essa bebida. O resto preferia drinques preparados com quaisquer



bebidas que Kiran e os rapazes conseguissem arranjar. — O que houve, você se apaixonou de novo?

— Há?

— Não consegue tirar os olhos do Whittaker — comentou Kiran, os olhos castanhos brilhando. — Escolha interessante.

— Ih, que é isso, gente. Não estou azarando o cara, não. Estou só... Quem é ele?

— Whittaker? — disse Noelle. — Ele é o... Whittaker. Pertence a uma categoria própria. — Ela olhou ao redor procurando as outras Meninas do Billings e sorriu devagar. — Aliás... devíamos apresentar você a ele.

Ela se levantou, agarrou meu pulso, e começou a me puxar para o outro lado da clareira, tudo ao mesmo tempo, antes mesmo que eu pudesse emitir uma só palavra de protesto.

— Whit! Ei, Whit! — gritou Noelle, gesticulando com a garrafa. — Esta é a menina de quem te falei. — E usou toda a força que tinha no braço para praticamente me jogar na direção de Whittaker.

Aquela velocidade súbita me pegou de surpresa e eu cambaleei, apoiando-me em seu peito largo para não cair. Todos os rapazes, é claro, começaram a rir. Whittaker segurou meus cotovelos com delicadeza, e me ajudou a me equilibrar.

— Você está bem? — indagou.

Tinha olhos castanhos muito acolhedores.

— Estou — respondi, constrangida.

Espera aí um instante. Noelle tinha dito que eu era a menina sobre a qual ela havia falado? Que diabos tinha contado a ele?



— Sou Walt Whittaker — disse, estendendo a mão. — Mas meus amigos me chamam de Whittaker ou Whit. Você escolhe.

— Reed Brennan — apresentei-me, apertando a mão dele, que era incrivelmente macia e quente.

— Então, Reed, você é nova aqui na Easton, segundo me disseram. Seja bem-vinda.

O timbre da sua voz me provocou um arrepio agradável. Era reconfortante. Familiar, não sabia por quê.

— Você não? — indaguei.

Todos voltaram a rir. Até Whit.

— Não. Não. Minha família já frequenta esta instituição há várias gerações — respondeu. — Acabei de chegar de umas férias que tirei com meus pais. Viajamos pelo Extremo Oriente. China, Cingapura, Hong Hong, Filipinas... Você viaja, Reed?

Não, fora todas as excursões ao Hershey Park, no tempo em que eu ainda usava tênis cor-de-rosa.

— Não muito — respondi.

Ele me fitou durante um bom tempo, como se não entendesse o que eu tinha acabado de dizer. Comecei a sentir calor em razão daquele olhar.

— Uma pena — disse ele, por fim. — Ninguém se conhece de verdade antes de conhecer o mundo, sabe?

Eu estava tentando encontrar uma resposta que não me fizesse parecer ingênua e inexperiente, quando Gage chegou batendo com a mão no ombro de Whittaker.

— Meu irmão! Vem aqui! A gente estava agorinha mesmo falando da Legado. Você precisa nos dizer o que sabe.

Whittaker sorriu, malicioso.



— Ah, a Legado. Está chegando — disse ele.

Que diabo era aquela tal Legado, afinal? Pensei em perguntar, mas parecia uma daquelas coisas que todos já conheciam. Ou seja, se eu perguntasse, só iria deixar claro que não sabia de nada e faria com que se lembrassem de que eu era uma estranha ali. Resolvi ficar calada e torcer para descobrir tudo por meio das conversas.

— Talvez a gente possa conversar depois, que tal? — sugeriu ele.

— Ah, tudo bem — concordei.

Gage puxou Whittaker para um canto para confabular com os rapazes, e Noelle veio para perto de mim.

— E aí? Já jogou um charme para cima do rapaz? — indagou Noelle.

— Você *falou* de mim pra ele? — perguntei.

— Sim. Achei que vocês talvez pudessem se conhecer melhor — disse Noelle, dando de ombros. — O Whit te faria bem. Ele é muito... culto.

Fingi não ter entendido o insulto implícito naquela afirmação.

— Noelle! Sou namorada do Thomas, lembra? — disse. Não me importava mais ela não querer que eu estivesse namorando Thomas de certo modo, o fato de ele ter desaparecido misteriosamente anulava todas as outras preocupações.

Ela amarrou a cara.

— Ah, sim. E Thomas está... onde mesmo? — perguntou, olhando em volta.

— Eu... eu não sei — respondi, com um nó no estômago. Por cima do ombro dela, vi Ariana, Kiran e Taylor se



aproximando, claramente interessadas em nossa conversinha particular.

— Exatamente. Que namorado, hein? Some assim sem nem dizer aonde está indo. Ou nem ao menos confessa que *vai* embora — declarou. Revirou os olhos outra vez e tomou mais um gole de cerveja, dando um tempo para que eu pensasse no assunto. — Olha, o Whit é um cara muito legal, legal mesmo.

— Ao contrário de certas pessoas — disse Kiran, irritada.

Mesmo após o desaparecimento misterioso de Thomas, elas não conseguiam disfarçar o desprezo por ele. Nunca gostaram dele. Nunca iriam gostar.

— Além disso, Whit pode te dar várias coisas — disse Ariana. — Coisas às quais não teria acesso de outra maneira.

Me dar coisas, é? Puxa, agora eu estava curiosa.

Ariana contemplou Whit com seus olhos azuis muito claros e me perguntei se ele tinha notado. Se isso havia lhe causado arrepios como sempre acontecia comigo.

— Como assim? — indaguei.

— Como uma vida de verdade, por exemplo — disse Kiran, prendendo o riso.

— Kiran! — ralhou Ariana.

— Vai, pelo menos conversa com ele — disse Noelle. — Não precisa se casar com o cara.

Respirei fundo e tomei o restinho da minha cerveja, o tempo todo de olho no Whit. Ele parecia uma pessoa legal. Educado e maduro. Além disso, era óbvio que todos os rapazes o adoravam. E sim, talvez ele estivesse um pouco acima do peso, mas quem era eu para julgar?



— Dê a ele uma dose disso aqui — disse Kiran, entregando-me uma garrafinha extra do seu Especial Hayes. — Whittaker adora minhas receitas.

A garrafinha estava supergelada e bem escorregadia. Segurei-a em uma das mãos, com a cerveja na outra. Talvez fosse hora de dar uma chance a um cara aprovado por elas. Afinal de contas, agora eu era uma Menina do Billings também. Já era tempo de começar a me comportar como tal.

